



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

PANORAMA CONJUNTURAL

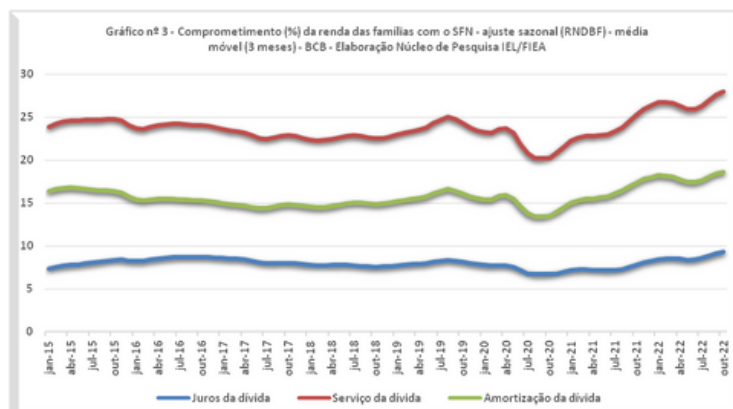
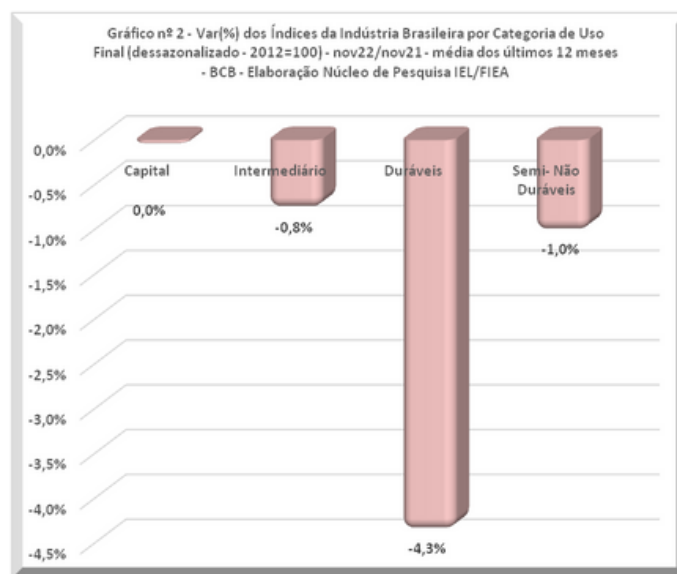
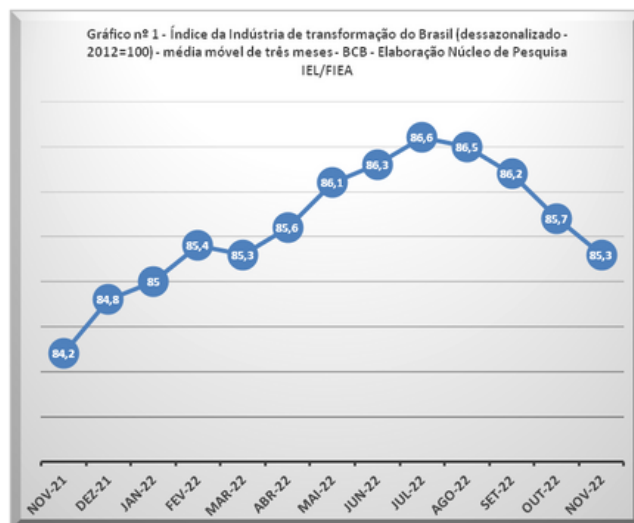
Janeiro de 2023

Indústria de transformação mantém retração

No Brasil, a indústria de transformação vem perdendo dinamismo desde julho de 2022 como pode ser visto na média móvel trimestral no gráfico nº 1. Do ponto de vista da indústria por categoria de uso final o mesmo processo é observado. Na média dos últimos doze meses em relação igual período, a indústria de bens de capital cresceu 0%, bens intermediário caiu 0,8%, o mesmo acontecendo com bens duráveis e semi e não duráveis com retrações de 4,3% e 1%, respectivamente. Apesar dos fatores indutores dos gastos das famílias como os pacotes de estímulos governamentais e a redução artificial da inflação, a partir da queda das alíquotas de ICMs sobre os preços dos combustíveis, da energia e comunicações, houve aumento nas taxas de endividamento das pessoas que terminou limitando os efeitos de expansão sobre a indústria.

No tocante ao endividamento das famílias brasileiras em relação a renda acumulada nos últimos doze meses, saltou do patamar de 37,3% em janeiro de 2018, quando atingiu o menor patamar, para 49,7% em outubro de 2022. Assim, o crescimento do serviços da dívida junto ao Sistema Financeiro Nacional na renda familiar é o fator primordial para explicar as taxas negativas de crescimento das indústrias de bens de consumo duráveis e não-duráveis. Como pode ser visto no gráfico nº 3, com base nos dados do Banco Central do Brasil (BCB), a partir de setembro de 2020, depois de um período de redução desde julho de 2019, a média móvel de três meses do comprometimento da dívida na renda familiar aumentou em 39% alavancado pelo crescimento de 39% da participação dos juros e 38% das amortizações. Neste período a inadimplência da carteira de crédito pessoa física subiu 28%.

Dado o elevado nível de endividamento das famílias e a perspectiva de manutenção da taxa básica de juros acima de 13% em boa parte de 2023 é crucial um rápido programa de renegociação financeira para destravar o crédito e, desse modo, o crescimento da indústria. Não é sem razão que os empresários da indústria começam a ficar com expectativas pessimistas. De acordo com a CNI, O ICEI caiu 2,2 pontos em janeiro de 2023, para 48,6 pontos. Ao cair abaixo da linha divisória dos 50 pontos, o indicador aponta transição da confiança, para a falta de confiança. É a primeira vez desde julho de 2020 que o setor industrial como um todo demonstra falta de confiança.



IPCA fecha 2022 em 5,8%aa

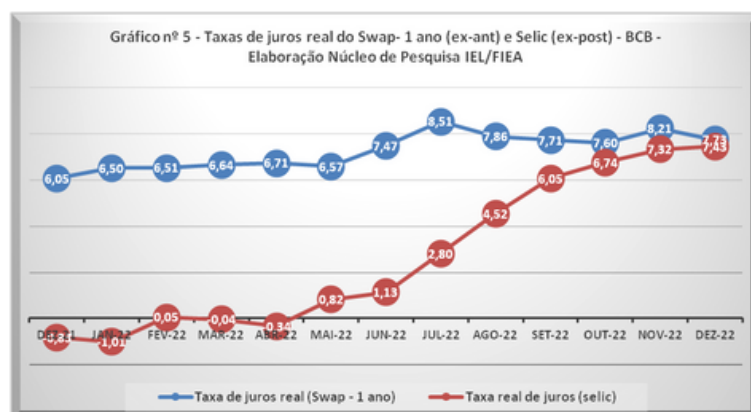
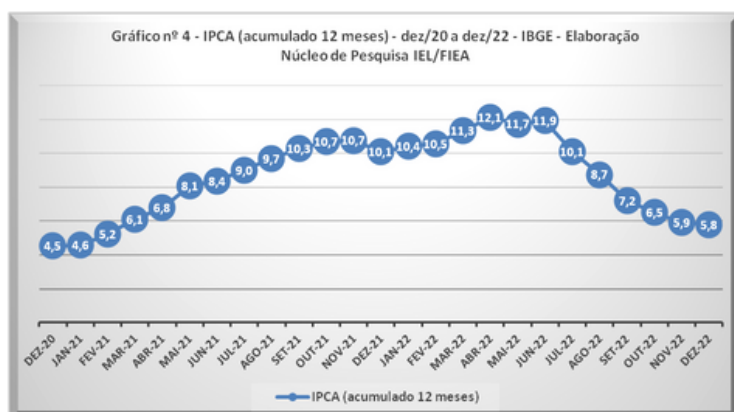
No ano de 2022, o IPCA registrou no acumulado de doze meses taxa de 5,8% mantendo a desaceleração observado desde julho de 2022 (ver gráfico nº 4), mas em um ritmo bem menor. No tocante aos dados da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIMA), a inflação implícita se manteve estável passando de 6,5% no início de dezembro de 2022 para 6,6% no final de janeiro de 2023. A mediana do mercado financeiro para a inflação esperada nos próximos doze meses, pesquisa FOCUS/BCB, apresentou aumento na expectativa da inflação passando de 5,2 para 5,5. Estes dados sinalizam certa resiliência no comportamento do IPCA, seja nos últimos doze meses seja no tocante as expectativas de curto prazo do mercado.

Como no ano passado o BCB não conseguiu cumprir a meta de inflação e é muito provável que também não consiga este ano, uma vez que a expectativa para a taxa do IPCA é de 5,5% acima da meta de 3,25%, a tendência é de manutenção da selic em dois dígitos ao longo do ano. A mediana do mercado é de selic em 12,5%aa no final de 2023. Isto significa que a taxa básica de juros real provavelmente continuará acima de 7%aa alavancando, de um lado, as despesas com juros da dívida e, de outro, onerando os custos financeiros das famílias e empresas.

A resultante desse processo de juros altos, como temos insistido neste espaço, é relativamente menor sobre a taxa de inflação e pronunciadamente maior sobre a dívida pública e o nível de atividade econômica. Apesar do rápido aumento da selic que passou de 2%aa em março de 2021 para 13,75%, a inflação só começou a baixar a partir de junho de 2022 em função de um forte processo de desoneração tributária e do maior repasse das quedas dos preços do petróleo da Petrobras. No início de maio de 2022 até o final de 2022 o preço do barril de petróleo caiu 22% e a taxa de câmbio se desvalorizou 9,6%. Assim, a aparente estabilidade do IPCA no patamar de 5,5% coloca em dúvida a eficácia da política monetária para estabilizar preços na economia brasileira.

Em relação aos efeitos do aumento dos juros sobre a dívida pública foram gastos mais de quinhentos bilhões de reais nos últimos dois anos com juros e encargos. No contexto empresarial, a taxa de juros real (Swap de 1 ano), que é um importante sinalizador do custo financeiro das empresas para investimentos produtivos, em 2022 passou de 6,1% para 7,7% (gráfico nº 5). As famílias, por sua vez, do início de 2021 ao final de 2022 sofreram uma majoração significativa na taxa média de juros das operações de crédito que saltou de 24,3%aa para 37,7%aa. Taxas tão elevadas impactam em fatores sensíveis ao crescimento econômico, como a relação dívida/PIB, os investimentos públicos e privados, e os gastos das famílias. Não é sem razão que a mediana das expectativas de crescimento da economia brasileira em 2023 está próxima a 0,8%.

No contexto internacional, o cenário se mantém com a inflação americana dando sinais de desaceleração e o FED diminuiu o ritmo de alta da taxa de juros básica para 0,5%. Recentemente o FMI disse que os desafios que a economia global está enfrentando são imensos e o enfraquecimento dos indicadores econômicos apontam para mais desafios à frente. Entre outras razões, em virtude do aperto da política monetária desencadeada pela inflação alta e ampla podendo levar a uma recessão, o fraco impulso de crescimento na China (efeito recidiva da Covid19) e interrupções contínuas no fornecimento e insegurança alimentar devido à invasão russa na Ucrânia.

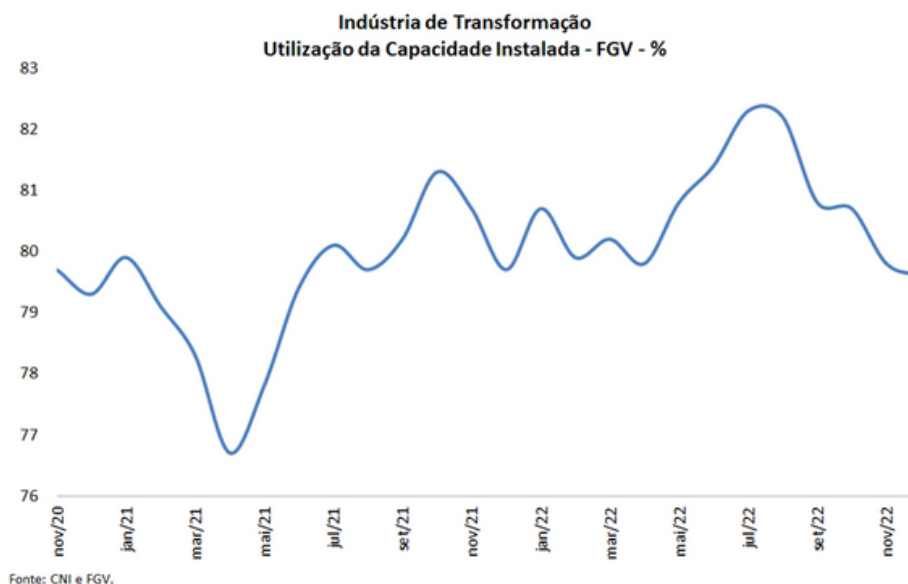


A produção industrial brasileira em novembro de 2022

A indústria brasileira em novembro de 2022 registrou retração de 0,1% na produção, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2021 a produção industrial cresceu 0,9%, abaixo da taxa observada em outubro quando obteve aumento de 1,7% (na mesma métrica). De acordo com avaliação do IEDI[1], “Desde a virada do primeiro para o segundo semestre de 2022, a indústria não consegue sustentar seu crescimento por dois meses consecutivos e as variações positivas têm sido minoritárias. É uma dinâmica em espasmos, positivos apenas em jul/22 e out/22(...) mas ao menos uma parcela majoritária de seus ramos conseguiu evitar o terreno negativo na passagem de out/22 para nov/22, na série com ajuste sazonal. Dos 26 ramos identificados pelo IBGE, 11 recuaram, o que representa 42% do total. Quanto aos macrossetores, três progrediram e apenas um perdeu produção.”

Ainda segundo o IEDI, “A utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, recuou -0,9 ponto percentual na passagem de out/22 (80,7%) para nov/22, quando registrou valor de 79,8%, o menor patamar desde mai/22. Em dez/22, o indicador seguiu em declínio, fechando o mês em 79,6%.”

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-0,1	0,9	-0,6	-1,0
Bens de capital	0,8	0,7	-0,4	-0,1
Bens Intermediários	0,4	1,3	0,5	-0,8
Bens de consumo duráveis	-0,4	2,0	-3,2	-4,3
Semiduráveis e não duráveis	0,6	0,2	-0,5	-1,1



Indicadores Conjunturais da Economia Brasileira

Índice de Preço (%)	2021	2022											
	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
IGP-DI	1,25	2,01	1,50	2,37	0,41	0,69	0,62	-0,38	-0,55	-1,22	-0,62	-0,18	0,31
INCC-DI	0,35	0,71	0,38	0,86	0,95	2,28	2,14	0,86	0,09	0,09	0,12	0,36	0,09
IGP-M	0,87	1,82	1,83	1,74	1,41	0,52	0,59	0,21	-0,70	-0,95	-0,97	-0,56	0,45
IPC-M	0,84	0,42	0,33	0,86	1,53	0,35	0,71	-0,28	-1,18	-0,08	0,50	0,64	0,44
IPA-M	0,95	2,30	2,36	2,07	1,45	0,45	0,30	0,21	-0,71	-1,27	-1,44	-0,94	0,47
INCC-M	0,30	0,64	0,48	0,73	0,87	1,49	2,81	1,16	0,33	0,10	0,04	0,14	0,27
IPC-FIPE	0,57	0,74	0,90	1,28	1,62	0,42	0,28	0,16	0,12	0,12	0,45	0,47	0,54
INPC	0,73	0,67	1,00	1,71	1,04	0,45	0,62	-0,60	-0,31	-0,32	0,47	0,38	0,69
IPCA	0,73	0,54	1,01	1,62	1,06	0,47	0,67	-0,68	-0,36	-0,29	0,59	0,41	0,62

Fonte: Ipeadata e Bacen.

	Indicadores de Confiança I		
	Indicadores do Cenário Externo		
	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$
dez/21	1,51	83,62	1 826,62
jan/22	1,78	104,55	1 913,20
fev/22	1,82	106,89	1 921,20
mar/22	2,35	108,78	1 942,54
abr/22	2,94	106,83	1 911,69
mai/22	2,85	110,96	1 842,18
jun/22	3,02	104,46	1 817,88
jul/22	2,66	97,72	1 735,94
ago/22	3,20	90,88	1 677,89
set/22	3,83	91,36	1 660,04
out/22	3,76	90,99	1 628,92
nov/22	3,61	84,91	1 767,74
dez/22	3,51	85,40	1 888,79

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)/ (FED)

Indicadores de Confiança II	
Meses	Risco Brasil
dez/21	337
jan/22	331
fev/22	332
mar/22	293
abr/22	321
mai/22	314
jun/22	334
jul/22	348
ago/22	295
set/22	275
out/22	270
nov/22	266
dez/22	259

Fonte: IPEADATA

Meses	Indicadores de Confiança III						
	Taxa de Câmbio Fim de Período R\$/US\$ - Vendas	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos próximos 12 meses Mediana	Taxa de Juros Real Ex-Ant	IPCA nos últimos doze Meses	Taxa de Juros Selic (% a.a)	Taxa Real Esperada Selic (a.a)
	dez/21	5,58	11,54	5,17	6,05	10,06	9,15
jan/22	5,36	12,25	5,40	6,50	10,37	9,25	-1,01
fev/22	5,14	12,47	5,60	6,51	10,54	10,59	0,05
mar/22	4,74	12,72	5,70	6,64	11,30	11,25	-0,04
abr/22	4,92	13,01	5,90	6,71	12,13	11,75	-0,34
mai/22	4,73	13,39	6,40	6,57	11,73	12,65	0,82
jun/22	5,24	13,78	5,87	7,47	11,89	13,15	1,13
jul/22	5,19	13,72	4,80	8,51	10,07	13,15	2,80
ago/22	5,18	13,44	5,17	7,86	8,73	13,65	4,52
set/22	5,41	13,21	5,11	7,71	7,17	13,65	6,05
out/22	5,26	13,15	5,16	7,60	6,47	13,65	6,74
nov/22	5,29	13,94	5,30	8,21	5,90	13,65	7,32
dez/22	5,22	13,43	5,29	7,73	5,79	13,65	7,43

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

INDICADORES DE DESEMPENHO

**PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS
INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA**

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE
ALAGOAS – FIEA**

Presidente:

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice-presidente

José da Silva Nogueira Filho

UNIDADE TÉCNICA – UNITEC/FIEA

Coordenador

Helvio Braga VilasBoas

Elaboração

Núcleo de Pesquisas do IEL/AL

COORDENADORA

Eliana Sá

Informações Técnicas

Reynaldo Rubem Ferreira Júnior

Luciana Santa Rita

Consultora GI

Morgana Maria Machado Moura

Estagiários

Alexandre Freire de Albuquerque Alves

Caio Túlio Roberto de Melo Cavalcante

Juliana Alves de Melo

Pedro Monteiro de Oliveira



Contato
(82) 2121-3085
(Eliana Sá)